

imprestáveis para uma vida com qualidade! Abrão segue o projeto das montanhas. Ló se desvia para a ruína das planícies, enfocadas no cap.14 e depois nos caps.18-19.

Abrão é padrão. Ló, o exemplo a não seguir. Abrão é modelo, porque permanece fiel às raízes nas montanhas, no 'sertão', e porque ora a Javé e lhe constrói altares. Abrão é justo e é 'crente'!

Duas falas são decisivas no capítulo, a de Abrão e a de Javé. A fala de Abrão (v.8-9) propõe a solução para a contenda. A de Javé (v.14-17) promete o futuro para o povo oriundo de Abrão.

O cap.14 tem suas marcas próprias, como veremos. Está, porém, na continuação de nosso cap.13, ainda que de maneira pouco explícita.

Milton Schwantes é Doutor em Teologia Bíblica pela Universidade de Heidelberg - Alemanha. Leciona na Universidade Metodista - São Bernardo do Campo - SP. mschwantes@bol.com.br

O *SHEMÁ*, ISRAEL EM Dt 6,4-9

O MANDAMENTO DE DEUS CONTRA A IDOLATRIA

Pe. Antonio Carlos Frizzo

A expressão *Ouve, Israel*, tradução da clássica expressão hebraica *Shema, Israel*, adquire um sentido cada vez mais significativo, não somente em relação à tradição judaica, mas também, ao cristianismo, que, neste início de século, retoma o caminho em direção às suas raízes. Essa nova consciência emergente na Igreja, frente ao estudo do judaísmo e sua importância para o conhecimento da fé cristã, pode ser reconhecida na frase que sublinhamos: "...eu penso que para melhor explorar esta herança os cristãos precisam especialmente dos judeus porque estes têm com a Escritura uma espécie de convivência carnal, porque ao encontro de todo dualismo dessecante eles testemunham a unidade viva do homem interpelado por Deus, porque eles continuam sendo o povo destruidor dos ídolos e denunciador das ideologias antigas e novas"¹.

O texto do *Shemá, Israel*, está presente não somente nas Escrituras (Dt 6,4-9; 11, 13-22; Nm 15, 37-41), mas encontra-se intimamente ligado à liturgia judaica que, na "leitura do Shema", recita-o duas vezes ao dia. Certificando, nesta atitude orante, que o Deus de Israel é Um e, com seu povo Israel, Ele selou uma aliança que jamais será rompida ou substituída. Revela inúmeras vezes que Deus convocou seu povo Israel e mantém-se fiel à aliança, impossibilitando a prática da idolatria por parte do povo eleito.

I. O *SHEMÁ* NO CONTEXTO DO LIVRO DO DEUTERONÔMIO

O conceito de Deus e de sua unicidade serão conhecidos por Israel ao longo da história, através dos ensinamentos transmitidos por Moisés (Dt 1,1), passando pela experiência da saída do Egito (Ex 6, 5-7) até a posse da terra

¹ ETCHEGARAY, C. R. Est-ce que le Christianisme a Besoin du Judaïsme?. *Cahiers Ratisbonne*, Jerusalém, n. 3, p. 13, 1997.

prometida. Deus se dá a conhecer. Revela-se ao ouvir os *gemidos* do seu povo, ao lembrar-se *da sua aliança* e ao fazer o povo sair da escravidão (Ex 3,7-8). Um Deus diferente dos deuses egípcios e cananeus, que é celebrado na recitação dos textos bíblicos: *Eu sou o Senhor, apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó* (Ex 6,2).

Essa concepção revela o conceito de um Deus vivo, que dialoga e convive com as vicissitudes em meio ao povo de Israel, prefigurando o essencial da fé Israelita: o monoteísmo, que será desenvolvido durante a história e que receberá uma "formulação dogmática"², ressaltando a interação entre Deus e Israel.

Tal relacionamento foi realçado ao longo do Dt, em que a natureza do ser de Deus e a importância de render-Lhe culto soam como genuínas formas de a comunidade encontrar sua plena realização. "O verdadeiro altar onde o relacionamento com Deus ocupa lugar é o coração humano, tal como o aspecto físico do santuário com seus rituais não podem ser mais do que uma ajuda, facilitando também o maior contato interior com Deus"³. Nesse sentido, não é em vão que encontramos, no Dt, o convite para amar a Deus com todo nosso ser (Dt 6,5), como meio para manifestar nosso seguimento e relação com o Eterno.

O texto de Dt 6, 4-9, *Shemá, Israel*, encontra-se num quadro, numa "moldura" ampla e, de certo modo, complexa⁴, merecendo de nossa parte relativa atenção, com a finalidade de perceber o contexto social em que o texto foi elaborado, as influências recebidas, bem como as indicações teológicas presentes.

² URBACH, E. E. *Les Sages d'Israël*. Paris: Cerf-Verdier, 1996. p. 25.

³ CLEMENTS, R. E. *Deuteronomy*. Sheffield: JSOT Press, 1989. p. 52.

⁴ Não há uma unanimidade entre os autores sobre as sucessivas etapas redacionais presentes no livro do Dt., cf. LOPÉZ, F. G. *Tradition-Rédaction du Deutéronome. Revue Biblique*, n. 1, p. 60-70, 1979. Veja também os comentários de LOHFINK, N. *Écoute, Israël: Explication de Textes du Deutéronome*. Lyon: Xavier Mappus, 1966. p. 12-23. A semelhança, e esta julgamos oportuna ao nosso trabalho, refere-se ao fato de que ambos estão de acordo ao datar os capítulos de Dt 6-11 no grupo redacional mais antigo. Julgamos oportuno destacar esta preocupação, porém sem tomar qualquer decisão sobre um assunto que ainda em nossos dias carece de um consenso.

Três grandes etapas da história de Israel influenciaram a redação do livro do Dt, assim divididas: a) **pré-exílio**, desenvolvimento do Deuteronomio como contrato de aliança e texto litúrgico; b) **exílio**, inclusão do Deuteronomio dentro de uma retrospectiva, considerando o caminho que conduzirá à catástrofe; c) **pós-exílio**, inclusão do livro no Pentateuco, texto com uma forma cultural e jurídica de fundamental interesse para a comunidade restaurada⁵. Sua redação final ocorreu durante os séculos 6º e 5º a.C.⁶.

Dt 6, 4-9 encontra-se entre os textos que formam o segundo e grande discurso de Moisés nos capítulos 5-28, que é datado, em sua primeira fase redacional, de antes do exílio⁷. Possivelmente, esse grupo de textos fôra conservado no interior do Templo, como um sinal da fidelidade a Deus celebrada

⁵ Na elaboração da obra, ressaltamos três principais linhas de elaboração do Dt: a) lento desenvolvimento do quadro cultural da aliança; b) o Dt como obra inaugural da obra deuteronomista; c) o Dt como conclusão do Pentateuco. As três linhas elaboradas em três diferentes quadros cronológicos: a) antes do exílio; b) durante o exílio; c) depois do exílio. O essencial do texto à sua primeira grande fase redacional antes do exílio. Cf. LOHFINK, N. *op. cit.* p. 11-21.

⁶ Certamente o livro do Dt sofrera uma etapa de pré-elaboração extremamente complexa, motivo pelo qual apresenta-se a nós como um mosaico, correspondendo às inúmeras tradições culturais e jurídicas extremamente diferentes que o influenciaram. Tudo indica que um grupo de levitas considerando as inúmeras tradições tenha levado a bom termo a redação final em meados do século V. Cf. RAD, von G. *Deuteronomio*. Brescia: Paidéia, 1979. p. 13-27. Uma outra proposta sobre a autoria do Dt é apresentada por Milher, que indica três importantes grupos que, possivelmente, tenham redigido parte do Dt: a) grupo profético; b) grupo de sacerdotes levitas; c) círculo dos escribas. Cf. MILHER, P. D. *Deuteronomy: Interpretation a Bible commentary for teaching and preaching*. USA: John Knox Press, 1990. p. 5-7.

⁷ O livro do Deuteronomio, tal como o conhecemos hoje, está dividido em quatro discursos que adquiriram conteúdo e forma ao longo dos anos e foram elaborados de acordo com os interesses de suas respectivas épocas. O primeiro é uma introdução ao corpo do livro (capítulos 1-3). O segundo discurso apresenta a aliança selada no Sinai (capítulos 5-26), tendo como introdução o Dt. 4, 44. Os fatos que sucedem após a aliança e a sucessão de Moisés por Josué ocupam o terceiro discurso (capítulos 28-32), e um quarto e último discurso cede lugar à bênção de despedida pronunciada sobre as diversas tribos (capítulo 33). O capítulo 34 sela todo o corpo do livro com a morte de Moisés. Cf. LOHFINK, N., *op. cit.* p. 12-13.

durante o culto, compondo, dessa forma, os textos preservados na “arca da aliança”, que chegou a Jerusalém em meados do ano 1000⁸.

Nessa obra literária, que alguns autores intitulam “literatura deuteronomista”⁹, enquadram-se os livros: Deuteronômio, Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis, que remontam épocas desde a posse das terras de Canaã até o ataque e a destruição de Jerusalém pelas tropas de Nabucodonosor (586)¹⁰.

Considerando os fatos narrados no livro de 2 Rs 22,3-20; 23,15-20, verificamos que os textos pré-exílicos (Dt 5-28) sustentaram a reforma religiosa empreendida por Josias em 622¹¹. Uma reforma pautada na ótica da “purificação” dos lugares sagrados do reino de Judá, começando pelo Templo de Jerusalém (2 Rs 23,4-5) e abrangendo estruturas, como os funcionários, sacerdotes legitimadores do culto e dos sacrifícios feitos em louvor a Baal (2 Rs 23,9-11).

O próprio rei Josias, autor de gigantesco empreendimento organizativo, é apresentado como alguém disposto a submeter-se às cláusulas da rigorosa reforma. *O rei estava de pé sobre o estrado e concluiu diante do Senhor a Aliança que o obrigava a seguir o Senhor e a guardar seus mandamentos, seus testemunhos e seus estatutos de todo o coração e toda a sua alma* (Dt 23,3). Um movimento de purificação que viabilizaria o combate contra qualquer tipo de idolatria que estivesse em vigor na terra de Israel.

⁸ Sobre a trajetória histórica da “Arca da Aliança”, cf. Idem, pp. 20-22.

⁹ Lopéz chama de “Corpus Deuteronimista” as diferentes camadas redacionais que estão no processo histórico de todo livro do Deuteronômio. Cf. LOPÉZ, F. G. *op. cit.* p. 81.

¹⁰ O texto de Dt. 6,4-9, bem como todo o livro do Deuteronômio, está incluído num quadro assim chamado “obra deuteronomista”, que se estende do livro de Josué ao final do II livro dos Reis. LOHFINK, N. *op. cit.* p. 13-14, e RAD, von G. *op. cit.* p. 12.

¹¹ Antes de Josias, Judá esteve sob a autoridade da Assíria, época em que submeteu a religião dominante. No trono, encontra-se um império em decadência, situação que favorecera sobremaneira uma reforma religiosa, conclamando o povo a retornar a antiga fé em Deus. Cf. *Idem*, p. 15.

II - EXEGESE DE DT 6,4-9

Deuteronômio 6,4-9 é um texto de suma importância na história do culto e da consciência da singularidade entre Deus e seu povo. A relação entre consciência da divindade e testemunho, torna-se o eixo do combate contra a idolatria que perpassa toda a Escritura.

4 *Ouve, Israel! O Senhor nosso Deus é o Senhor que é Um!*

5 *E¹² amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma e com toda a tua força.*

6 *E que estas palavras que hoje eu te ordeno estejam em teu coração.*

7 *E tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, no teu deitar e quando estiveres de pé.*

8 *E tu as atarás como sinal, sobre tua mão e serão como filactérios entre os teus olhos.*

9 *E tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas portas de tuas cidades”* (Dt 6,4-9).

Os verbos *ouvir* (v 4) e *amar* (v 5) apresentam um Deus participante dos rumos históricos. Trata-se da comunicação e da interação entre Deus e o povo de Israel. Neste processo, o povo experimenta, entra em contato com o ser de Deus: sua “unicidade”. Esta unicidade apresenta uma divindade completamente diferente dos demais deuses até então existentes no antigo oriente, evidenciando, assim, uma mudança radical no relacionamento com a divindade e desta com seus adoradores.

Sabemos que o politeísmo, progressivamente, deixa de existir ao longo da história para o povo de Israel. Não ocorre a necessidade de multiplicar santuários, organizar estruturas sacerdotais, ritos etc. O Deus dos israelitas é

¹² Nossa tradução considerou o caráter conclusivo que pode atribuir à conjunção “e” na palavra “e amarás”. Em outras palavras, amamos Deus em consequência da sua unicidade; o Senhor nosso Deus é o Senhor que é Um, portanto devemos amá-lo com toda potencialidade humana. Esta insistência na narrativa bíblica apela para que a vida humana esteja completamente direcionada a Deus.

Um e Único. Esta singularidade de Deus¹³ é apresentada ao longo de todo o livro do Deuteronômio.

Num primeiro contato com o texto do *Shemá, Israel* chama atenção o ritmo que as palavras adquirem ao serem recitadas. Todos os verbos que inauguram as frases estão no futuro: *amarás* (v 5), *inculcarás* (v 7), *falarás* (v 7), *atarás* (v 8), *estarão* (v 8) e *escreverás* (v 9) este estilo facilita o leitor intuir as frases que se seguem após a citação de cada verbo, evidenciando quase que intuitivamente seu conteúdo.

Nenhum verbo se encontra na forma condicional. Tudo é evidente, é entendido de modo prático. Ações como os gestos de *ouvir*, *amar*, *inculcar* etc, adquirem feições imperativas após o primeiro gesto ou atitude do crente: *ouve*. A unicidade de Deus - *o Senhor é Um* (6,4) -, exige a união plena de Israel com Deus. Pois este Deus que é *Um*, é o *o Senhor nosso Deus* (6,4). Portanto, o conhecimento pleno de Deus exigirá um determinado comportamento por parte de Israel: exclusividade a Deus, separação de tudo o que implica contato com os demais deuses ou divindades cananéias¹⁴, são algumas das atitudes primeiras do gesto de *ouvir*.

Entre os oito verbos existentes na perícopa, apenas o primeiro é grafado na forma imperativa *ouve*, procurando ressaltar a atitude e a disposição daquele que ouve, numa atitude consciente, atenta, buscando praticar os mandamentos.

Os verbos *e amarás* (v 5), *e transmitirás* (v 7), *e falarás* (v 7), *e atarás* (v 8), *e escreverás* (v 9), escritos na segunda pessoa do futuro, direcionam à observância, obediência e testemunho dos mandamentos recebidos. A partir da visão de fé, a sobrevivência do indivíduo, de sua família ou clã, está diretamente condicionada ao modo de cumprir tais ordens. Não há subterfúgios.

¹³ A palavra “único” não é grafada no texto original. Nossa perspectiva considerou o comentário de Rashi sobre a concepção teológica do Deus Um. “Que Ele é nosso Deus “atualmente” e não “o Deus das nações”, e “E Ele será no futuro o Senhor Um”, segundo Rashi sobre Dt 6, 4. O Deus de Israel será reconhecido por todos as nações, sendo Um para Israele Único para todos os povos. A Israel cabe a missão de transmitir ao mundo o ser de Deus (Is 42,6-8).

¹⁴ LOPÉZ, F. G. Le Deuteronome une loi prêchée. *Cahiers Évangile*, Paris, p. 19, 1988.

Elie Munk, ao comentar a oração do *Shemá, Israel* afirma: “Esta profissão de fé é introduzida pela palavra *Shemá* (Ouve), que significa “escute” e não pelas palavras “creia” ou “veja”. Por conseqüência, não há necessidade de renovar a cada geração o milagre das visões dos fenômenos, mas a tradição dos ancestrais é suficiente para assegurar a consciência. Sendo assim, “ouve” passa a ser visto como uma palavra de ordem. Não pelo crente que mandou, nem pela vantagem de uma experiência pessoal, ou por intermédio das ciências da natureza ou da história, mas o saber que vem pela tradição”¹⁵.

Percebe-se, na forma apodídica do texto uma preocupação com a felicidade futura, quer do indivíduo ou do clã. A primeira coisa que o povo deve fazer é atender ao apelo vindo da parte de Deus: *escutar*. O vocativo, Israel, que segue o verbo na sua forma imperativa, coloca Israel na condição de convidado privilegiado a escutar que *o Senhor nosso Deus é o Senhor que é Um* (v 4). A atitude de escutar Deus, que é *um*, está diretamente relacionado ao modo de viver o que está escrito: *e amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua força* (v 5).

A atitude de *e amarás* (v 5) envolve todas as dimensões humanas, expressa três vezes ao longo do versículo 5: *com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força*. É a insistência do amor total e sem reservas a Deus. Os três elementos: *coração, alma e força* expressam a vida no seu todo, direcionada a “Deus Um e Único”.

Insistências tais como percebemos na narrativa bíblica ressaltam que a vida, quando cumpre a vontade de Deus, passa a ser sede, morada do amor divino. No texto, tudo é disposto em direção a Deus. Esta unicidade e exclusividade de Deus, vivida e expressa pela fé do povo judeu, abrange todas as ações do homem, tratando-se de uma “afirmação-chave”¹⁶ no comportamento do homem em relação a Deus, como verificamos nos versículos 7 a 9.

¹⁵ MUNK, E., *La voix de la Thorá: Le Deuteronome*. Paris: Fundação Samuel et Odette Levy, 1981. p.61.

¹⁶ Cf. LOPÉZ, F. G. *op. cit.* p.21.

A narrativa, apresentando formas opostas de comportamentos, *sentado x andando, deitado x de pé*, longe de apresentar idéias opostas ou antíteses, ressaltam que toda a atividade humana, seja esta feita em quaisquer circunstâncias, deverá estar envolvida pela dimensão divina. Portanto, as palavras guardadas no coração (v 6) legitimam, justificam as tarefas humanas habituais, justificando ações feitas somente com o intuito de agradar o Eterno.

A ocupação de *e inculcarás/repetirás aos teus filhos* ressalta o valor da tradição recebida, que deve perpetuar-se por gerações. O Deus de Israel será conhecido como o único Deus por todo o universo. *Então o Senhor será rei sobre todo país; naquele dia, o Senhor será o único, e seu Nome o único* (Zc 14,9).

O gesto de dar testemunho da presença divina ultrapassa uma atitude pessoal, adquirindo aspectos exteriores, pois o amor a Deus deve também ser expressado de modo visual, concreto, diante dos homens. Neste sentido, entendemos a ordem: *atá-las às mãos e diante dos olhos* (v 8) e *nos umbrais das tuas portas, e nas portas de tuas cidades* (v 9)¹⁷.

Nos versículos 8 e 9, tomam forma as ações exteriores do ato de crer em Deus, onde as mãos e os olhos (v 8) se associam ao coração e à alma (v 5) a partir de um relacionamento comum, fazendo com que a totalidade da pessoa se coloque em harmonia com a palavra do Senhor, buscando atingir o objetivo desejado.

A necessidade de estar em relação com Deus, atento para ouvi-Lo, disposto a praticar seus mandamentos, é realçada na abundância do emprego do pronome pessoal na segunda pessoa. "Curiosamente neste texto, que é considerado como uma confissão de fé, é Deus que se dirige ao homem, uma vez que geralmente é o homem que se dirige a Deus"¹⁸.

¹⁷ Consiste em fixar nos umbrais das portas a "mezuzá", pergaminho contendo trechos do livro do Dt. 6,4-9 ou Dt 11, 13-21.

¹⁸ MANNNS, F. *La Prière d'Israël à l'Heure de Jésus*. Jerusalém: Franciscan Printing, 1986. p. 130.

Não se trata de ouvir ou dispor-se a praticar mandamentos de um "deus" que possa pertencer a alguém, feito por e para agradar alguém, atrelado a um grupo ou a uma realidade histórica determinada. Pelo contrário, o texto dirige-se a um indivíduo e não a um grupo.

Dezoito vezes, o texto emprega o pronome pessoal na segunda pessoa, contrapondo-se a uma única vez ao utilizar o pronome pessoal na primeira pessoa do plural, ao apresentar Deus como *Senhor nosso Deus* (v 4). Há um convite pessoal para amar o Senhor, que é o Deus de um povo: o Deus de Israel. Uma interação entre um Deus pessoal e Israel. "Os v. 4b-5 constituem o ponto de convergência dos outros versos da unidade. A uma afirmação chave da lei Israelita deve corresponder uma atitude-chave do povo diante de Deus"¹⁹.

O Deus de Israel é "um" (v 4), por este motivo, é o "nosso Deus", e cada membro da comunidade é convidado a testemunhá-Lo em sua vida, fazendo do "Deus de Israel seu Deus". Amá-Lo com um amor único e sem divisão.

Esta preocupação, que pode parecer exagerada, visa resguardar a nação do contato com outros tipos de religião. A união Deus + Israel marcará a singularidade desse povo, bem como a maneira de sobrevivência e identificação como nação, perante os povos vizinhos.

O que a tradição afirma "é que Adonai, o Senhor Deus de Israel, é o único Deus. Ele não existe em inúmeras e diferentes formas, em diferentes santuários; não é ele simplesmente o chefe de um pantheon de deuses que os outros devem respeitá-los por natureza, sem equívoca status"²⁰. Certamente, as religiões cananéias que demonstram esta forma adversa de adoração no antigo oriente, tenham exercido relativa atração frente aos israelitas na época em que estes começaram a se organizar como estado-nação.

¹⁹ Há uma convicção pessoal do crente diante de uma experiência com Deus. O texto expressa um Deus que é coletivo, mas que está presente em cada membro do povo de Israel, cf. LOPÉZ, F. G. *op. cit.* p. 21.

²⁰ Atração existente na época do sétimo século quando o texto do Dt fôra composto. CLEMENTS, R.E. *Deuteronomy*. Sheffield: JSOT Press, 1989. p. 50.

CONCLUSÃO

O povo de Israel tem a missão de testemunhar que a fé jamais foi ou será algo desencarnada, abstrata, sem conseqüência com o mundo hodierno. A convicção de ser um povo convocado por Deus intima à missão de transmitir essa experiência aos demais povos. Não se trata de privilégio aos israelitas, mas um compromisso proveniente da própria vontade de Deus, *o Senhor se afeiçãoou a vós e vos escolheu, não é por serdes o mais numeroso de todos os povos! – e sim porque o Senhor vos ama, e para manter a promessa que ele tinha jurado aos vossos pais; por isso o Senhor vos fez sair com mão forte e vos resgatou da casa da escravidão, da mão de Faraó, rei do Egito (Dt 7,7-8).*

A prática dos mandamentos, na perspectiva da memória, visa atualizar os fatos passados. Deus não nos tirou ontem do Egito. Ele, não nos libertou num passado distante. A ação de Deus é atual, é histórica, faz-se presente em cada pessoa.

Pc. Antonio Carlos Frizzo é Mestre em Teologia Bíblica pelo Instituto Católico de Paris. Leciona no Instituto de Teologia e Filosofia Paulo VI em Mogi das Cruzes - SP. acfrizzo@uol.com.br.

A PROXIMIDADE DE DEUS NA ELIMINAÇÃO DA OPRESSÃO E NA CARIDADE AO POBRE

UM ESTUDO DE Is 56-66

Dr. Matthias Grenzer

1. INTRODUÇÃO

Quem vive num dos grandes centros urbanos na América Latina, diariamente, é confrontado com a problemática da miséria em massa. Certas reflexões e projetos, sem dúvida, apontam para caminhos que poderiam trazer uma solução mais abrangente para a pobreza desumana. A falta, porém, de vontade pessoal e política de muitas pessoas e, especialmente, interesses econômicos particulares, parecem inviabilizar uma melhora significativa para os sofridos.

O maior perigo, talvez, seja acostumar-se com a pobreza, uma vez que *nunca deixará de haver pobres na terra* (cf. Dt 15,11¹). Quem, no entanto, leva a sério o pensamento religioso-ético da tradição bíblica, sabe que uma postura marcada por passividade ou indiferença não serve como resposta adequada ao problema da pobreza. Iria contradizer, radicalmente, a fé do Antigo Israel. Na visão desta, “a pobreza é uma condição social escandalosa, que não deveria existir e que o próprio Deus não tolera, porque se preocupa com a sorte dos pobres e oprimidos”².

O homem, por sua vez, deve imitar e seguir o comportamento deste Deus, Libertador dos oprimidos, decidido a garantir a dignidade de todos, pois é Nele que esta encontra sua origem. A continuação da formulação jurídica, em Dt 15,11, não deixa dúvida sobre o que vê como exigência ética da

¹ Veja a alusão a Dt 15,11 em Mt 26,11; Mc 14,7; Jô 12,8.

² FOHRER, Georg. *Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 345.